

ÍNDIOS E TERRITÓRIOS

Há algumas décadas atrás, quando sentados nos bancos da escola primária, era relativamente fácil sair-se bem ao interrogatório da professora na vez da lição sobre os índios. Bastava retrucar que se dividiam em Tupis e Tapuias; usavam arco, flecha e tacape; vestiam penas e cocares, e viviam da caça, pesca e coleta.

É bem verdade, estamos hoje distantes dessa tabula rasa que nos foi repassada; todavia, em termos de senso comum, quiçá permaneçamos longe de entender esta realidade; aliás, realidade multifacetada, rica em diversidade, que à medida que vai se descortinando para nós agrega maior complexidade. Mas este número de Travessia não objetiva tratar das questões atinentes ao universo indígena enquanto tal, embora perpassando por este caminho, mas do fenômeno migratório entre as sociedades indígenas e seus territórios.

Como uma espécie de pano de fundo trazemos um artigo chamando a atenção para a vasta gama de causas propulsoras dos deslocamentos indígenas e que tenta, ao mesmo tempo, repensar a relação entre cultura indígena e território alertando para os limites do olhar centrado no enfoque evolutivo.

Seis artigos, embora não constituindo uma tipificação completa dos movimentos migratórios, sinalizam claramente na direção de sua diversidade. Assim sendo, temos: os Tremembé do Ceará - tidos oficialmente como extintos por mais de um século - ressurgindo da condição de caboclos e criando, num jogo que funde tradição e inovações, novas identidades, num rico movimento que engloba aldeia, cidade e litoral; os índios do contexto urbano de Manaus, disputando, mesclados ao milhares de migrantes internos, o mercado de trabalho local na tentativa de suplantar sua própria identidade étnica; os Yanomami, na divisa com a Venezuela - em que pese também já submetidos a migrações forçadas - guardando ainda o "privilégio" de contar com o espaço de que necessitam para praticar seus deslocamentos; os Guarani Mbya, do litoral sudeste, teimosamente perseguindo, em condições cada vez mais adversas, o mito da Terra sem Mal; os Kaingang do Paraná, no âmbito da aldeia, submetendo-se ao trabalho assalariado fora de suas reservas e, mais recentemente, na condição de migrantes temporários, ao corte de cana nos distantes canaviais do Mato Grosso do Sul, e, num outro contexto, os Kaxinawá do Acre - antigos seringueiros - acossados e forçados à "migração de recuo", inclusive para fora de sua área territorial, diante das incursões dos denominados "brabos", índios que têm suas malocas construídas no vizinho país do Peru.

E, finalmente, dois artigos atendo-se, especificamente, ao enfoque territorial: um voltado ao passado, contemplando a resistência indígena em Pernambuco no século XIX frente ao esbulho de suas terras; outro, fixo no presente, discorre sobre o processo de invasão e fragmentação do território entre os Waimiri-Atroari.

Dirceu Cutti

Obs: No tocante aos termos indígenas, o leitor encontrará uma mesma palavra grafada diferentemente. Optamos por manter a forma original adotada por cada autor.